

MENTES COMPLEXAS



Alanna Ferreira Castro

MENTES COMPLEXAS

Quando um pensamento, embora destrutivo,
é a única coisa que alimenta a sua alma.

São Paulo - 2018



EDITORA NELPA

© Alanna Ferreira Castro, 2018

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei n.º 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Fernando Rafael Lobozzo Dower

DIAGRAMAÇÃO
ALEXANDRE PAES DIAS

REVISÃO
Paulo Alexandre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C355m

Castro, Alanna Ferreira.
Mentes complexas / Alanna Ferreira Castro. – São Paulo (SP):
Nelpa, 2018.
204 p. : 16 x 23 cm

ISBN 978-85-8020-590-9

1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira - Romance. I. Título.
CDD-B869.3

Copyright © 2018, Nelpa – L. Dower Edições Jurídicas Ltda.

Rua: Dr. Barros Cruz, 63 – V. Mariana
04118-130 – São Paulo/SP
Telefax: (11) 3854-5493
www.nelpa.com.br – sac@nelpa.com.br

*Dedico este livro à minha mãe, Alcidia Maria Ferreira Castro;
às minhas duas irmãs mais velhas,
Lorena Ferreira Castro e Bárbara Ferreira Castro;*

*E em especial ao meu pai, Célio de Castro,
que está eterno em minhas memórias.*

*E a todas as pessoas que foram machucadas
por alguém que confiavam...*



SUMÁRIO

| | |
|------------------|----|
| CAPÍTULO 1..... | 9 |
| CAPÍTULO 2..... | 11 |
| CAPÍTULO 3..... | 15 |
| CAPÍTULO 4..... | 18 |
| CAPÍTULO 5..... | 20 |
| CAPÍTULO 6..... | 27 |
| CAPÍTULO 7..... | 30 |
| CAPÍTULO 8..... | 32 |
| CAPÍTULO 9..... | 43 |
| CAPÍTULO 10..... | 51 |
| CAPÍTULO 11..... | 52 |
| CAPÍTULO 12..... | 54 |
| CAPÍTULO 13..... | 60 |
| CAPÍTULO 14..... | 70 |
| CAPÍTULO 15..... | 74 |
| CAPÍTULO 16..... | 78 |
| CAPÍTULO 17..... | 88 |
| CAPÍTULO 18..... | 91 |
| CAPÍTULO 19..... | 96 |
| CAPÍTULO 20..... | 99 |

| | |
|------------------|-----|
| CAPÍTULO 21..... | 103 |
| CAPÍTULO 22..... | 107 |
| CAPÍTULO 23..... | 115 |
| CAPÍTULO 24..... | 120 |
| CAPÍTULO 25..... | 123 |
| CAPÍTULO 26..... | 128 |
| CAPÍTULO 27..... | 131 |
| CAPÍTULO 28..... | 134 |
| CAPÍTULO 29..... | 137 |
| CAPÍTULO 30..... | 141 |
| CAPÍTULO 31..... | 145 |
| CAPÍTULO 32..... | 151 |
| CAPÍTULO 33..... | 163 |
| CAPÍTULO 34..... | 172 |
| CAPÍTULO 35..... | 177 |
| CAPÍTULO 36..... | 180 |

CAPÍTULO I

Ben sentou-se na cama, estava encharcado de suor.

“Isso vai acabar logo.”

O vento frio e uma chuva fina entravam, vindos da serra. Ben levantou-se e fechou a janela.

Caminhou até o banheiro, no banho, deixou que a água quente do chuveiro o tranquilizasse...

Mas não adiantou.

Ele pensou em descer e fazer alguns exercícios na academia, ele sabia que não conseguiria dormir mais. Vestiu roupas esportivas e saiu do quarto.

Quando Ben estava no meio de um caso, ele costumava acordar a noite pensando em seu desfecho...

E, no caso específico que envolvia os Avante, as idas à academia à noite estavam ficando cada vez mais frequentes.

“Vai acabar logo.”

Ben passou na frente do quarto de Luciana, a porta estava entreaberta, mas não havia ninguém lá.

“Que estranho!”

Ele abriu o quarto de Dário. O homem tinha 30 anos. Uma das pernas estava de fora da cama e o braço em cima do próprio rosto. Estava nu. E roncava como um helicóptero.

Ben entrou no quarto e o cobriu com o lençol. Estava fazendo frio naquela noite, resolvera também fechar a janela do quarto de Dário.

Saíra silenciosamente para o corredor.

Sempre que Ben levantava à noite, preocupado com o andamento dos casos, ele se exercitava na academia da mansão até se esgotar e, então, ao voltar para o quarto, tomava banho e tentava dormir de novo...

Com isso, passava pelos quartos dos outros moradores da mansão para ver como estavam. Por ser pai esta atitude poderia ser considerada como paternal

da parte dele, talvez isso estivesse mais visível as vezes em que Ben, embora não admitisse em voz alta, sentia muito a falta de seu filho.

Ben girou a maçaneta do quarto de Diana e achou aquilo curioso... Ele conseguiu abrir a porta. Diana sempre fechava a porta do lado de dentro ao dormir. Mas, não daquela vez. Ben espiou para dentro do quarto... A cama estava arrumada e a janela fechada.

– Onde você está, Diana?



Diana não tinha a intenção de machucar aquela família. Não estava fazendo nada daquilo por causa deles, mas desejava que a mulher um dia descobrisse que o marido não era um bom homem, do que viver um casamento baseado em uma mentira.

Luciana havia usado seu charme e persuasão para conseguir o número do celular do vigia da mansão. O plano era simples, mas eficaz. Diana parabenizou mentalmente o feito da colega, ligou para o número do vigia e esperou a ligação se completar...

– Alô?

Era madrugada, mas Alisson tem a voz bem enérgica.

– Oi. Você encontrou com uma amiga minha, sabe? E ela pegou o seu número, porque queria encontrar com você para fazer... O que os amantes costumam fazer, certo?

– Quem está falando?

Diana fitou a mansão do outro lado da rua.

– Ela vai encontrar com você, lógico, mas na sua casa...

– Como é?!

– Com sua esposa e seus dois filhos lá. Até mais.

Não demorou muito e Diana viu um homem sair correndo pela chuva, atravessar o jardim da mansão, montar em sua moto e desaparecer subindo a rua.

“Já faz cinco anos.”

Diana abotoou o casaco para se proteger da chuva e caminhou na direção da mansão.

Era hora de agir.

CAPÍTULO 2

– O que está acontecendo com você?

Era tudo tão escuro...

Eu me sentia como uma estátua, incapaz de me mover. Meus músculos não me obedeciam, quando minha vontade era sair daquela chuva e procurar um abrigo até que ela passasse.

Pingos gelados e afiados de chuva encharcavam minhas roupas e acertavam meu rosto como se fossem agulhas.

Parecia uma punição. E, pensando bem, talvez fosse.

Pisquei...

E reparei que estava na cidade. Mas, a nuvem negra que cobria o céu não me deixava saber se estava de manhã ou se já era tarde.

“Por que estou aqui?”

O ar tinha cheiro de fumaça de escapamento e comida de má qualidade. Eu conhecia aquele lugar... As lojas e mercearias da avenida em que eu costumo passar de carro para chegar ao meu emprego estavam com suas janelas e portas fechadas.

Então, talvez já fosse a noite.

Talvez...

Afinal, as luzes dos postes não estavam acesas.

“Então? O que estava havendo?”

Eu queria respostas, mas perguntar para quem? Estava sozinho naquela chuva fora de época.

Algo do outro lado da rua me chamou a atenção. Como se alguém tivesse escutado meus pensamentos, um vulto negro do lado oposto onde eu estava se materializou das sombras.

Do outro lado da rua, uma pessoa caminhava na chuva e parava bem na minha frente.

“Quem era?”

Na rua que nos separava, nenhum carro passava, de modo que apenas o mau clima e a ausência de luz me impedia de ver se eu a conhecia.

Era uma pessoa baixa, usava vestes escuras e mantinha o rosto abaixado. A julgar pela altura e pela forma curvilínea, era uma mulher. E, ao contrário de mim, ela não parecia sentir frio ou estar se perguntando onde estavam as pessoas nas lojas e por que aquele clima tão tempestuoso e fora de época.

“Quem era ela?”

A mulher ficou parada ali. Eu tinha certeza que ela me observava através da cortina de cabelo que caía sobre seu rosto.

Eu não me mexia. Ela não se movia.

Não sabia quem era ela, mas a mulher parecia me conhecer, pois quando, ao longe, o céu negro rugiu e um brilho vindo de cima cortou as nuvens, vi que seus lábios vermelhos esboçavam um sorriso...

Não entendi o motivo de ela achar aquela situação engraçada.

Meus ossos começaram a virar gelo. Meu corpo chacoalhava por causa do frio...

Eu queria correr para escapar da chuva, mas não tinha domínio sobre meus próprios membros.

Experimentei a impotência. E não gostei.

Nada e nem ninguém passavam naquela rua. Eram só nós dois, eu e a mulher misteriosa.

“O que quer de mim?”

Então, ela começou a se afastar. Eu queria que ela fosse embora, mas não queria ficar sozinho de novo.

“O que eu queria, então?”

Ela se embrenhou nas mesmas sombras de onde tinha saído. Um vulto negro desaparecendo na escuridão.

“O que está acontecendo comigo?”

Abri os olhos, mas era como se eles ainda estivessem fechados. Estava tudo tão escuro, como no sonho...

Sentei-me na cama de casal. Passei as mãos pelos cabelos úmidos. Acordei encharcado de suor.

Coloquei a palma da mão no peito. Eu sentia pontadas de dor e meu coração batia descontroladamente, como se alguém estivesse fincando pregos em uma besta selvagem...

A besta queria fugir. Eu queria fugir.

Meu corpo sacolejava como se uma descarga elétrica passasse pelos meus membros.

“Não quero isso.”

O susto do sonho estava ali, palpável. Eu tinha sentido medo, mas eu não sabia exatamente o motivo. Fragmentos do sonho já começavam a se dispersar no ar frio da noite...

Senti que minha boca estava seca e meu corpo estava tremendo, por quê?

Ouvi galhos se partindo. Olho para a janela aberta, estava chovendo, como no sonho. Decidi fechar a janela do quarto, um vento frio entrava por ela e congelava os meus ossos. A rua estava silenciosa, a cidade dormia. Inspirei o ar da noite para me acalmar. Eu conseguia sentir o cheiro da vegetação do alto das serras que cercam meu bairro e sentia o vento frio e fora de época da noite.

“Estou seguro. Estou na mansão. Foi um sonho. Foi um sonho. Na verdade, foi um pesadelo, mas nada mais que isso.”

Expirei devagar.

Minha esposa dormia profundamente na cama.

E, mesmo com o quarto escuro, eu via seus cabelos compridos formarem uma cortina no travesseiro e seu lindo corpo muito bem modelado naquela camisola.

Deixei o quarto e fui para as escadas. Não queria incomodá-la com aquele pesadelo. Acendi a luz da cozinha e fui direto pegar um copo com água. Bebi avidamente e pus o copo na pia. Apaguei a luz.

Subi as escadas e caminhei pelo corredor... Precisava verificar uma coisa. A porta estava aberta e a luz do quarto acesa. Eu sorri. E o pesadelo já não tinha tanta importância.

O quarto era cor de rosa com flores nas paredes e vários bichinhos de pelúcia em cima de uma cama com colcha roxa.

Minha filha Nina, de cinco anos, dormia abraçada a um unicórnio de pelúcia.

Ela se parecia muito com minha mãe.

Nina ainda tinha medo do escuro, mas não de dormir sozinha. Os vários bichinhos de pelúcia cumpriam com a tarefa de vigiar e fazer companhia...

O que já era uma boa notícia para mim e minha esposa. Já que Nina não pedia para dormir em nosso quarto, desde que a luz do quarto dela ficasse acesa...

Problema nenhum!

Fui para meu quarto, tateando a mobília até achar a maçaneta do banheiro. Despi o calção suado e entrei debaixo do chuveiro. A água quente descia pelas minhas costas como um remédio. Milagrosamente me acalmando.

Aquilo era bom demais... Água... Meu corpo começou a tremer, mas não de frio.

“Do quê, então?”

Lembrei da chuva fria no meu pesadelo, que, na verdade, era a combinação do meu suor, vento frio vindo da janela e da chuva fora de época.

Eu não estava sozinho. Quem era aquela mulher? Eu não sabia. As sombras ocultaram seu rosto. Mas e aquele sorriso debochado? Estaria ela rindo de mim e da minha situação? Não sabia.

Tomei banho, depois me sequei e ignorei meu calção suado no chão do banheiro e fui para cama. Quando me deitei, senti uma mão delicada e quente nas minhas costas.

– Amor, tudo bem?

Ao virar-me para minha esposa, os olhos dela estavam fechados.

Sorri, dei-lhe um beijo na testa. Eu sabia que no dia seguinte ela não se lembraria daquela conversa e nem de que tinha acordado, mas respondi mesmo assim:

– Nada. Não foi nada.

Ela murmurou alguma coisa que eu não entendi, mudou de posição e mergulhou novamente em um sonho que, na verdade, não tinha saído.

Fiquei olhando a janela fechada.

“Não vai acontecer de novo.”

Depois de um tempo, vencido pelo cansaço, adormeci...

A última coisa que me lembro antes de fechar os olhos, foi do barulho do lado de fora de galhos se partindo.